
O QUE MARIA TEM A DIZER
ÀS MÃES DE HOJE

AFONSO MURAD

O QUE MARIA
TEM A DIZER
ÀS MÃES DE HOJE



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Manoel Gomes Filho*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

2ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4856-2

APRESENTAÇÃO

É gratificante refletir sobre o conteúdo das palavras, impregnadas de elevada inspiração, que Murad escreve sobre Maria. Ele nos convida a mergulhar na admirável aventura do questionamento de nossas primitivas razões e nos revela a grandeza do empreendimento humano em sua missão primordial de construir personalidades verdadeiramente humanas. De fato, a vida emerge do amor e floresce alimentada dos afetos de nossos pais, designados a consolidar os nossos primeiros passos na maravilhosa experiência do existir e a sustentar as nossas iniciativas no confronto com as vicissitudes de nossa trajetória pela vida. As nossas primeiras percepções do universo são fecundadas pelas suas emoções, introduzindo-nos na inexorável empresa da conquista da identidade, maturidade e evolução.

Nos primórdios de nossa existência, desamparados, dependentes de forma absoluta de nossa mãe, aprendemos a nos relacionar com o mundo através de suas percepções e de seus afe-

tos. Isto significa que, na infância, as nossas tensões, os nossos medos e o nosso amor exprimem as tensões, os medos e o amor daqueles que nos dispensam os seus cuidados. Se nos sentimos amados, nós nos amamos e amamos as pessoas e as coisas à nossa volta, buscando aproximar, tocar, pesquisar, apreciar e conhecer.

A compreensão e a conquista do nosso universo se darão a partir destas primeiras vinculações, que vamos repetindo, de forma particularmente pessoal e em níveis cada vez mais amplos e cristalizados. Posteriormente, na plenitude da consciência, a inquietude intelectual nos conduz à busca interminável do saber e aos mistérios mais profundos da experiência humana, como fruto deste desejo imenso de viver na máxima extensão a grandeza total da possibilidade de amar. Corrigindo os nossos erros e reconstruindo com flexibilidade e determinação a nossa existência, vamos nos tornando, a cada dia, artífices de nosso próprio destino.

No cotidiano da maturidade começamos a compreender, como o poeta Gibran, que “o trabalho é o amor que se torna visível e, através dele, o murmúrio das horas é pura melodia”. A nossa confiança básica e indissolúvel na existência, a nossa fé e a força de vida que nos leva a persistir, apesar dos obstáculos, brotam destas

vivências primitivas com nossa mãe, num tempo de nosso existir que a memória não consegue alcançar e cuja lembrança se traduz pelas nossas expressões humanas.

É fácil, portanto, confirmar a infinita grandeza do amor de Maria, traduzido no inexcusável amor de seu filho. Jesus não conheceu a raiva, a violência e o ódio destrutivos. As suas manifestações de agressividade foram sempre usadas para vencer os óbices, necessárias à concretização de sua missão, a serviço do amor e do renascimento de seres humanos embrutecidos pelas dificuldades da vida. O amor que o gerou também o conduziu ao longo da existência.

Se somos a nossa infância, a infância de Jesus ao lado de seus pais foi plena e perfeita. Maria foi, genuinamente, a mãe que mais amou e, tornando a divindade humana, ela nos permitiu vislumbrar a esperança da humana divindade.

Marília de Freitas Maakaroun

Médica hebeatra e psicanalista,
presidente da Associação Mineira de Adolescência

INTRODUÇÃO

Estamos acostumados a imaginar a figura de Maria de Nazaré fundamentalmente como “Mãe”. Existem até certos estereótipos de Maria, que circulam no imaginário popular: a jovem mãe com o filho nos braços ou a humilde e pacata dona de casa. O tradicional mês de maio associa fortemente “mãe” com “Maria”.

Coube à teologia da libertação e à teologia feminista recolocar de forma ímpar a figura de Maria no horizonte teológico, ao superarem esses estereótipos e destacarem-na como mulher forte, primeira seguidora de Jesus na causa do Reino de Deus, profetisa de seu povo, imagem do Novo Povo de Deus em busca de libertação. Seguindo esta tendência, vários teólogos (e teólogas), por considerarem muito estreita e prejudicial às mulheres a compreensão de Maria como mãe, preferem denominá-la “irmã” e “amiga”. Embora tal procedimento seja enriquecedor, tem o inconveniente de se fundar em fraca base bíblica.

Os evangelhos não acentuam demasiadamente a função materna de Maria. Poder-se-ia

ter esta impressão devido aos relatos de infância e a toda mística e afeto que se desenvolveram posteriormente ao redor do Natal. Uma leitura global dos relatos, ao invés, mostra claramente que Jesus não exalta a maternidade em si (Lc 11,27s) e relativiza o vínculo afetivo com a família (Mc 10,29s). A nova família de Jesus é constituída pelos seus seguidores, os que se empenham em realizar a vontade do Pai, como ele faz (Mc 3,31-35). Se Maria tem lugar de destaque na nova comunidade de Jesus, isto se deve à sua fé. Agraciada especialmente por Deus (Lc 1,28), ela acolhe generosamente a palavra de Deus (Lc 1,38.45), medita em seu coração (Lc 2,19), realiza-a em sua vida (Lc 8,15).

Em consonância com o Evangelho, faz-se necessário mostrar que Maria é mais do que mãe: discípula, seguidora de Jesus, peregrina na fé. Sua presença de qualidade rompe com o padrão de mulher da sociedade patriarcal e “androcêntrica”. Além disso, “Mãe” não é somente um papel da mulher, pois os chamados sentimentos maternos expressam uma dimensão do amor humano, que pode e deve ser vivido por homens e mulheres. Ao sair do “lugar-comum” sobre a maternidade, poderemos redescobrir valores esquecidos na imagem da Mãe Maria, sem necessariamente reduzir a sua pessoa ao papel de mãe. Esta reflexão poderia fornecer

novos dados para a pregação, a catequese e a espiritualidade.

Nosso discurso teológico-existencial sobre a maternidade de Maria procurará articular-se com outros saberes humanos. Com a ajuda de algumas ciências humanas, especialmente a psicologia e a antropologia cultural, perguntar-nos-emos: Em que consiste ser mãe? Como Maria exercitou sua missão de mãe? O que a maternidade de Maria diz também para homens e mulheres hoje? Não faremos leitura exegética ou dogmática dos textos bíblicos. Ela situa-se, antes, na linha da “teologia espiritual”, de cunho existencial. Funda-se no fato de que todo texto tem um excesso de sentido, que pode ser explorado por abordagens diversas. Os textos bíblicos, em especial, estão encharcados da presença do Espírito de Deus, que nos reserva aspectos enriquecedores, ainda não plenamente descobertos e desenvolvidos.

Subjaz à nossa reflexão aceitar os relatos dos evangelhos, especialmente as narrações de infância, como textos que conjugam, em diferente teor, os eventos e sua interpretação à luz da fé. Torna-se extremamente difícil distinguir o que de fato aconteceu do que é elaboração da comunidade e do evangelista. Quando citarmos os textos do Evangelho, portanto, não estaremos afirmando que de fato aconteceu assim. Somen-

te mostraremos que é possível e coerente fazer a leitura que apresentamos aos leitores. Portanto, em alguns momentos faremos um “voo” sobre o presumível, o que pode ter acontecido a partir dos dados disponíveis e da releitura atual. A hermenêutica de um texto bíblico não se detém na análise de sua historicidade nem na provável intenção originária do autor. Levando também em conta estes dois elementos, a hermenêutica visa a descobrir o sentido atual dos textos, em confronto com a nossa experiência do presente.

O gênero literário aqui adotado, devido a algumas extrapolações, não se afina com o necessário rigor da teologia acadêmica. Recordamos ainda que nossa abordagem se integra com a teologia feminista, pois, evitando o idealismo, procura considerar a maternidade em sua beleza e limitação, em suma, em sua ambigüidade. A maternidade é somente um papel desempenhado por Maria, enquanto ser mulher é parte de sua identidade. Abstrairmos da nossa reflexão o papel paterno de São José, que deve ter sido igualmente importante para a formação de Jesus.

Este livrinho tem uma história peculiar. Comecei a escrever sobre o dogma da maternidade divina, pois sou professor de Mariologia em faculdades de teologia e pensei em fazer uma atualização do tema a partir da pergunta: “O que

é ser mãe?”. Fiz uma primeira discussão com meus companheiros e companheiras da Equipe de Reflexão Teológica da CRB e eles me trouxeram muitos dados novos. O assunto rendeu tanto que se destacou do artigo original, tornando-se um outro texto. Esta é a terceira versão, revista e ampliada, do artigo publicado em *Convergência* (abril de 1996) e *REB* (setembro de 1996). A presente edição foi também simplificada. Retirei muitas notas de rodapé e citações literais, para tornar a leitura mais fluente.

Confesso que fiquei com medo de abordar esse tema, pois sou homem e não me sinto com muita propriedade para falar sobre maternidade. Que desafio, para mim, tentar escrever sob o ponto de vista do diferente (a mulher), na ótica da reciprocidade. Comecei a observar com mais cuidado as mães à minha volta. Perguntava-me se aquilo que escrevia estava traduzindo e interpretando corretamente as suas vivências maternas. Consultei algumas mulheres e mães, que me ajudaram a aprofundar, matizar e completar os dados que coletei. Agradeço as contribuições de Anette (minha irmã e hebeatra), Marília (psiquiatra e psicanalista), Maria Luíza (escritora), Jaqueline (psicopedagoga), Eliane (orientadora educacional), Conceição e Luíza (teólogas). Ofereço este livro à minha mãe Aypha, mulher dinâmica e cheia de energia, que

não retrocede diante de novos desafios. Lembro também de tantas mães-mulheres que me ensinaram tanto sobre a vida, no decorrer dos anos que atuei junto às CEBs.

Para você, leitor ou leitora, desejo uma fascinante viagem pelos mares da maternidade. Nestas águas nos encontraremos todos: Maria, as mães e cada ser humano.

Belo Horizonte, 8 de dezembro de 1996

Ir. Afonso Murad, marista